

NARRATIVAS FOTOJORNALÍSTICAS: mapeamento dos textos apresentados entre 2010 e 2014 nos eventos científicos da Compós, da Intercom e da SBPJor-Parte I¹

Diogo AZOUBEL²
Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba - SP

RESUMO

O texto contém resultados parciais do mapeamento iniciado em março de 2015. Como o fotojornalismo tem sido pensado nas pesquisas apresentadas em eventos científicos da Comunicação considerados de grande impacto no Brasil? No *corpus* 63 textos, apresentados entre 2010 e 2014, coletados das bases de dados da Compós, da Intercom e da SBPJor. Conduzida com os métodos de abordagem dialético e de procedimento comparativo, monográfico e estatístico, a pesquisa tem como resultados a prevalência dos eventos científicos da Intercom como principal instância discursiva do tema no lapso temporal considerado; e a ampla participação das mulheres: 61% dos textos são resultado de estudos empreendidos por ou com mulheres. Igualmente, as regiões Sudeste e Sul sediam o maior número de pesquisas, sendo os estados de São Paulo e do Paraná os mais férteis para a problematização do fotojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; fotojornalismo; Compós; Intercom; SBPJor.

O poder reside onde os homens acreditam que ele resida. Isso é um truque, uma sombra na parede.

(Varys, o Eunuco.
George R. R. Martin - As Crônicas de Gelo e Fogo)

1 INTRODUÇÃO

A ideia de mapear as narrativas que problematizam o fotojornalismo apresentados entre 2010 e 2014 nos eventos científicos da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) surge como possibilidade de ampliar as discussões científicas com base empírica no campo da Comunicação.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Possui especialização em Jornalismo Cultural na Contemporaneidade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e MBA em Marketing Estratégico e Comunicação pela Universidade Gama Filho (UGF). É graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e em Rádio e TV (ambas pela UFMA); e em Letras: Português/Inglês pela Universidade Ceuma. E-mail: diogozoubel@gmail.com.

Iniciada em março de 2015, a primeira parte da pesquisa aqui apresentada contém dados que dialogam diretamente com os resultados compartilhados por meio de sete artigos científicos (AZOUBEL, 2015a., 2015b., 2015c., 2015d., 2015e., 2015f., e 2015g.), circulados nos âmbitos do encontro nacional e dos encontros regionais da Intercom 2015 (Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sudeste); do encontro anual da SBP/For e de eventos acadêmicos da Uniso.

Temos consciência de que pesquisas empíricas ainda são inovadoras em nosso campo do conhecimento. No que toca especificamente ao fotojornalismo, os próprios *corpora* aqui abordados confirmam isso: dos 63 estudos efetivamente analisados, um (menos de 2% do total) é empírico e, portanto, semelhante à esta pesquisa. Uma investigação recente sobre a questão dos estudos de gênero em jornalismo evidencia o assunto no sentido de que:

O pesquisador de Comunicação, em particular Jornalismo, que tanto critica a/o jornalista profissional que reporta a notícia por meio do telefone e, hoje, de aparatos digitais, também parece se sentir mais confortável em seu próprio gabinete – ou estar igualmente envolto/a em questões de obtenção de recursos financeiros e submetido/a a pressões produtivas (MARTINEZ; LAGO; LAGO, 2016, s/p).

Nessa esteira, para Suzana Braga Rodrigues e Alexandre de Pádua Carrieri, em *A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais*, “aparentemente os autores brasileiros não se sentem obrigados a referir-se a trabalhos prévios na forma em que é exigido por periódicos americanos e britânicos” (BRAGA RODRIGUES; PÁDUA CARRIERI, 2001, p. 98). Embora tal estudo não se refira diretamente ao fotojornalismo, ao jornalismo ou à Comunicação, é possível extrair dele reflexões válidas que, devidamente aproximadas do nosso contexto, possibilitam a compreensão, inclusive, da falta de literatura pertinente sobre o tema ao nosso alcance. Na mesma direção, e considerando a averiguação por eles proposta:

A investigação de artigos publicados no país não revela uma detalhada revisão literária, conforme encontramos em renomados periódicos americanos e britânicos. Em parte, por haver uma opinião formada de que é suficiente referir-se aos trabalhos pioneiros da área, ou àqueles centralmente posicionados no sistema hierárquico reputacional (Üsdiken e Pasadeos, 1995). Isso ocorre por razões práticas, como, por exemplo, devido às deficiências existentes na coleção de periódicos internacionais reunida em nossas bibliotecas, o que tem levado autores brasileiros, tradicionalmente, a confiarem na literatura clássica ou no trabalho pioneiro. As diferenças com relação à sofisticação teórica são, portanto, fatores importantes que distinguem as publicações nos periódicos de reputação no Brasil e nos países anglo-saxões. Nestes países a comprovação do conhecimento se dá tanto pela sofisticação teórica quanto pela sofisticação empírica; enquanto no Brasil em vez de a teoria ser elaborada com base em vários trabalhos já feitos em

determinado tema é, de fato, extraída de apenas um ou dois autores com mais tradição na área. Assim, a função principal da teoria passa a ser a de ilustrar um ponto da realidade, mais do que servir como ponto de partida para construção de determinado argumento; portanto é rara a prática de contestação sistemática, ou seja, aquela fundamentada em argumentos opostos (BRAGA RODRIGUES; PÁDUA CARRIERI, 2001, p. 98).

Considerando tais pontos, buscamos nos distanciar de uma proposta que apenas confirmasse certezas antes já carregadas. Como alertam os autores, esta ainda não é prática efetiva no Brasil. Para eles, a falta de preocupação dos pesquisadores de mencionar com rigor o que já foi feito sobre acurado assunto desemboca na ausência de consensos sobre modelos ou teorias e na não consolidação de tradições.

Em outras palavras, a fragmentação que aparece no Brasil reflete a pouca preocupação com a consolidação de conhecimento. Essa situação pode ser explicada pela nossa carência no aprofundamento dos conhecimentos sobre os paradigmas dominantes na ciência (Úsdiken e Pasadeos, 1995) e ausência de uma rede de cooperação bem estruturada para apoiar um dado conjunto de idéias (sic). Desse modo, é pouco provável que aqui o sistema viesse a brigar para preservar certo nível de consenso e a integridade ou a reputação de teorias, como acontece nas regiões mencionadas acima. Nem há por parte da academia brasileira de administração uma estrutura social, firme o suficiente, capaz de assegurar idéias (sic), mesmo as originárias em alguma outra parte do mundo, por um prazo mais longo (BRAGA RODRIGUES; PÁDUA CARRIERI, 2001, p. 99).

É preciso pontuar, entretanto, que esta pesquisa não constitui mera “transformação” de dados qualitativos em quantitativos, como discutiremos adiante. Ao contrário, nossa intenção é problematizar o que está por trás de cada número, ler entrelinhas e questioná-las.

2 METODOLOGIA

Para efetivação da investigação sobre como se configura a pesquisa científica sobre fotojornalismo no Brasil, optamos por seguir os encaminhamentos de Marconi & Lakatos no que tange à metodologia de pesquisa e escolhemos o método de abordagem dialético - aquele em que se concebe o mundo como um conjunto de processos inacabados e no qual busca-se considerar a investigação científica como parte de um todo (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 83).

No que toca à escolha dos métodos de procedimento, partimos das características do nosso objeto para empreendimento de escolhas que nos possibilitassem ir além da superfície dos dados. Nesse sentido, optamos pelos métodos a) comparativo – no qual se promove comparações, partindo de dados concretos para conclusões de “elementos constantes, abstratos e gerais” para “averiguar a analogia entre ou analisar os elementos de uma estrutura; b) monográfico – com o qual buscamos aspectos específicos ou no conjunto

deles estabelecer generalizações; e c) estatístico – para organização dos aspectos do objeto em termos quantitativos (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 89-90).

Como passo primeiro para a coleta dos dados, visitamos a base de dados do sítio da [Compós](#), em 19 de março de 2015, em especial a página da biblioteca virtual da Associação com a intenção de pesquisar o que fora produzido entre 2010 e 2014, portanto os cinco anos imediatamente anteriores à coleta dos dados. Pois, das duas décadas e meia de produção apenas os trabalhos apresentados de 2000 em diante estão disponíveis para consulta. Como recorte básico para escolha do que seria analisado aqui, decidimos trabalhar com os artigos científicos nos quais o termo “fotojornalismo” consta entre as palavras-chave apresentadas³.

Entre as centenas de trabalhos possíveis, o número de produções que contemplaram o critério acima descrito caiu para quatro resultados referentes ao lapso temporal antes estabelecido (2010-2014).

Por outro lado, e quando da efetivação do artigo científico *FOTOJORNALISMO NA COMPÓS: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação* (AZOUBEL, 2015a.), alargamos o prazo antes estabelecido, bem como as nossas possibilidades investigativas, e optamos por considerar os nove textos apresentados do ano 2000 em diante. Aqui, entretanto, apenas os quatro textos identificados inicialmente compõem parcialmente o *corpus* do estudo.

Em seguida, realizamos o levantamento na base de dados do sítio da [SBPJor](#), especialmente na biblioteca virtual, em 13 de abril de 2015, que revelou 23 estudos que contêm entre as palavras-chave apresentadas o termo fotojornalismo, sendo que 13 deles compõem o *corpus* parcial desta pesquisa.

Quando da efetivação dos estudos *FOTOJORNALISMO NA SBPJor: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo* partes I e II (AZOUBEL, 2015 b. e 2015c.), entretanto, as 23 pesquisas foram analisadas – sendo as de 2003 a 2009 no texto I e as de 2010 a 2014 no texto II – a fim de ampliar a nossa compreensão sobre o tema.

³ Este não deve ser percebido, entretanto, como único critério possível para abordagem do tema, uma vez que alguns textos que o problematizam não contêm o termo “fotojornalismo” como palavra-chave. Outros, de maneira oposta, contêm o termo, mas não abordam o tema, tal como colocado por Azoubel (2015d.).

Posteriormente, e já na base de dados do sítio da [Intercom](#), em 15 de maio de 2015, a busca foi feita com atenção especial aos anais de cada um dos 25 eventos científicos realizados no lapso temporal compreendido entre 2010 e 2014⁴. Dos 13 textos identificados, e diante de problemas de indexação, mantivemos a análise de 12 deles nesta pesquisa da mesma forma que no estudo *FOTOJORNALISMO NO INTERCOM: análise comparativa dos artigos científicos apresentados nos congressos regionais de 2010 a 2014* (AZOUBEL, 2015d.).

Já das 57 ocorrências de materiais circulados nos congressos nacionais da Intercom, uma se relaciona ao Encontro com Autores–Editores de Publicações Recentes em Comunicação (Publicom); 19 com as Jornadas de Iniciação Científica em Comunicação (Intercom Júnior); e 37 com os Encontros dos Grupos de Pesquisa da Intercom (GPs), conforme a [Tabela 1](#)⁵.

Do total de trabalhos apresentados nos GPs, três foram prontamente excluídos por serem assinados por graduandos (mesmo que em coautoria com mestres, doutores e/ou pós-doutores). Isso porque, de acordo com as normas de submissão de trabalhos da Sociedade, estudantes de graduação e recém-graduados devem submeter seus estudos ao Intercom Júnior e à Jornada de Iniciação Científica em Comunicação (AZOUBEL, 2015e.). Assim, trabalhamos então com o *corpus* parcial de 34 artigos científicos, sendo os três restantes contabilizados depois dos sinais de “+” na Tabela 1.

Em todos os levantamentos realizados e acima descritos, optamos por manter os nomes dos autores de acordo com o que consta no corpo de cada artigo analisado⁶ em vez do que consta nas bases de dados consultadas, bem como na ordem em que eles são dispostos quando em coautoria. Igualmente, e deste ponto em diante, nossas análises estão distribuídas nesta pesquisa por ordem alfabética do nome dos eventos (Compós, Intercom Nacional, Intercom Regional e SBPJor) em vez da ordem temporal descrita acima.

⁴ Embora o banco de dados contemplasse os dados dos eventos científicos do ano de 2009 em diante, mantivemos a ideia original de trabalhar com os cinco anos anteriores ao início desta investigação ao considerar o grande volume de trabalhos possíveis (afinal, são cinco encontros regionais por ano).

⁵ Dada a limitação espacial deste artigo, as tabelas e os gráficos – isolados ou em conjunto – que dialogam com os números discutidos podem ser visualizados no álbum [Narrativas fotojornalísticas](#), criado no *Google Photos* para possibilitar a leitura conjunta do texto e das imagens em abas distintas do seu navegador de Internet.

⁶ Com exceção do nome do pesquisador José Afonso da Silva Junior, originalmente grafado como José Afonso da Silva Jr.. Decidimos pela mudança para melhor estabelecer a relação autoria/total de textos analisados.

Antes de passarmos ao armazenamento e à validação dos dados, se fez necessário pré-analisar cada artigo científico, primeiro de maneira isolada e depois em conjunto por evento e com os demais abordados nesta pesquisa. Esse passo foi fundamental para subsidiar a análise que segue, uma vez que nos possibilitou desfazer qualquer possível inconsistência, fossem relativas à indexação ou de outra natureza.

No que toca ao tratamento dos dados, optamos pelo arredondamento dos números percentuais para mais ou para menos, de acordo com os preceitos estatísticos, a fim de bem conduzir este estudo e, especialmente, por se tratarem de dados relativos a pessoas que abordam cientificamente o fotojornalismo tupiniquim.

No caso específico da contagem de estados e regiões, pontuamos que essa se deu pela quantidade de trabalhos e não pelo número de autores. Assim, se um mesmo pesquisador assina textos diferentes em IES diferentes (do mesmo ou de outro estado/região), a contagem foi feita proporcionalmente.

Para averiguar a distribuição de estudos por IES, consideramos os vínculos acadêmicos que cada um dos 59 autores identificados mantinha quando da submissão dos textos em detrimento de outros tipos (jornais e assessorias, por exemplo). Nos 12 casos em que os autores indicaram mais de uma IES, contabilizamos aquela com a qual eles mantinham ligação enquanto estudantes⁷. No caso exclusivo de professores pesquisadores com mais de um vínculo institucional, citamos o que aparece primeiro nas notas de rodapé informadas em cada estudo. Da mesma forma, colaborações entre pesquisadores de instituições diferentes (muitas das quais de estados e regiões distintos) foram contabilizadas proporcionalmente, ou seja, uma vez para cada IES, estado e região.

Em relação à titulação dos pesquisadores, consideramos as informações apresentadas nas notas de rodapé dos artigos científicos analisados. Os cursos em andamento foram considerados tanto quanto a formação integralizada quando da submissão dos trabalhos. Em casos específicos, nos quais as notas não são claras ou simplesmente não contêm tais informações, optamos pela investigação do currículo do(s) pesquisador(es) na [Plataforma Lattes](#) (AZOUBEL, 2015e.).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Depois de clarificados os passos metodológicos dados para efetivação deste estudo, adentramos agora à primeira parte da análise e discussão dos dados. Nossos objetivos dizem

⁷ Alguns autores, naturalmente, atuavam como professores durante o curso de suas formações acadêmicas.

respeito de maneira global à investigação efetiva de como o fotojornalismo tem sido pensado nas pesquisas apresentadas em eventos científicos da Comunicação considerados de grande impacto no Brasil: narrativas, agentes, instâncias e formas na Compós, na Intercom e na SBPJor.

Para isso, e depois de devidamente identificados, realizamos o armazenamento digital dos artigos científicos para leitura preliminar e validação da inserção de cada texto nesta pesquisa. Do total de textos identificados – e depois dos dados devidamente validados – 63 integram este estudo.

Conforme podemos visualizar no [Conjunto de Gráficos 1](#), do total de cinco trabalhos apresentados em 2010, 80% foram submetidos à SBPJor (quatro textos) e 20% aos congressos regionais do Intercom⁸ (um texto). Em 2011, dos 13 artigos, 46% foram submetidos ao Intercom Nacional (seis textos), 23% à Compós e à SBPJor (três textos cada), e 8% ao Intercom Regional (um texto). Dos 21 textos circulados em 2012, 52% foram submetidos ao Intercom Nacional (11 textos), 29% à SBPJor (seis textos), 14% ao Intercom Regional (três textos), e 5% à Compós (um texto). Já em 2013, 55% dos artigos foram submetidos ao Intercom Nacional (seis textos), e 45% ao Intercom Regional (cinco textos). Por fim, em 2014, 79% das 14 pesquisas foram submetidas ao Intercom Nacional (11 textos), e 21% ao Intercom Regional (dois textos).

Já no [Gráfico 1](#) é possível perceber a prevalência do Intercom Nacional como principal instância científico-discursiva do fotojornalismo tupiniquim. Dos 63 artigos analisados, 34 foram destinados àqueles congressos. Em seguida, a SBPJor aparece com 13 textos; o Intercom Regional com 12 e a Compós⁹ com quatro. Há que se relativizar, no entanto, esse achado, uma vez que o Intercom é um congresso que reúne um número maior de participantes que o da SBPJor, dada à própria natureza do evento, sendo o primeiro da área de Comunicação e o segundo específico do Jornalismo. Em 2015, por exemplo, o XXXVIII Congresso Nacional da Intercom reuniu no Rio de Janeiro, durante cinco dias de atividades, "2.226 trabalhos inscritos e 30 GPs" (INTERCOM, 2015, s/p), enquanto no

⁸ Deste ponto em diante, e por questões que julgamos estilísticas, optamos pelo uso do artigo “o” em vez do “a” para nos referimos aos congressos da Intercom, sejam eles nacionais ou regionais.

⁹ É preciso considerar a natureza particular dos eventos científicos da Compós, uma vez que a seleção de textos parece mais rígida por envolver, entre outros pontos, ajuda de custo para que os investigadores com pesquisas aprovadas participem dos encontros anuais. Igualmente, não é surpresa a profundidade teórica com o tema é tratado, bem como a avançada titulação dos pesquisadores responsáveis pelos quatro textos analisados, sendo dois deles doutores, um doutorando e um mestrando.

mesmo ano o SBPJor teve 175 trabalhos aprovados, número este após a clivagem do processo seletivo feita por pares da área (SBPJOR, 2015, s/p).

No que toca à configuração anual do envio de trabalhos por evento, é possível perceber no [Gráfico 2](#) o descompasso entre o total de trabalhos apresentados em cada instância. Com 34 artigos científicos circulados no período delimitado (54% do total), os congressos do Intercom Nacional são seguidos pelos encontros anuais da SBPJor, que acumulam 13 textos (21%). Já o Intercom Regional, apesar do número superior de eventos – cinco por ano, o que totaliza 25 eventos realizados entre 2010 e 2014 – conta com 12 pesquisas (19%), ao passo que os eventos da Compós acumulam quatro artigos ali debatidos (6%).

Baseados exclusivamente na nossa experiência como participantes de tais eventos – haja vista que não tivemos acesso aos números oficiais das instituições promotoras desses encontros científicos até a finalização deste texto – acreditamos que tal descompasso decorre do largo alcance e da pluralidade dos eixos temáticos dos congressos nacionais Intercom frente aos congressos regionais e aos eventos da Compós e da SBPJor. Igualmente, o volume de congressistas ali reunidos parece superior justamente por aglutinar discussões sobre os diversos ramos comunicacionais, bem como sobre as interfaces da Área com outros campos do conhecimento. Assim, cremos que a quantidade de acontecimentos nos congressos regionais (simpósios e colóquios, por exemplo) tende a interferir positivamente no abarcamento do público-alvo da Sociedade.

Na mesma direção, no [Conjunto de Gráficos 2](#), notamos que houve uma queda nas produções destinadas à Compós entre 2011 e 2012, sendo que em 2010, 2013 e 2014 não há ocorrências de trabalhos ali circulados. No que tange ao Intercom Nacional o número de trabalhos cresceu continuamente entre 2010 e 2014, com queda acentuada em 2013, e alcançou o ápice em 2012 e 2014. Já no Intercom Regional, o ápice se deu em 2013, após crescimento contínuo, com queda em 2014. Por fim, na SBPJor houve queda nas produções ali circuladas entre 2010 e 2011 e entre 2012 e 2013, com crescimento entre 2011 e 2012.

Nos eventos científicos da Compós, 2011 foi o ano que mais concentrou trabalhos sobre o tema (75%). No Intercom Nacional, os anos de maior circulação de estudos somam quase 33% do total de trabalhos cada. No Intercom Regional, o ano que mais concentrou pesquisas acumula quase 42% do total. Já na SBPJor, ano mais fértil para discussões sobre fotojornalismo concentrou pouco mais de 46% do total de artigos científicos ali circulados, conforme a [Tabela 2](#).

Sobre a distribuição dos trabalhos apresentados nos eventos científicos e aqui analisados, no [Conjunto de Gráficos 3](#) o número de trabalhos aparece no eixo vertical esquerdo de cada gráfico, acima da porcentagem de cada Grupo de Trabalho (GT) (Compós), Divisão Temática (DT) / Grupo de Pesquisa (GP) (Intercom Nacional), DT (Intercom Regional), e tipo de comunicação (SBPJor).

Nessa direção, o que podemos notar é que cada um dos quatro textos submetidos à Compós remete a um GT diferente, o que totaliza 25% para os grupos de trabalho Comunicação e Sociabilidade, Estudos de Jornalismo, Comunicação e Experiência Estética, e Estudos de Cinema, Fotografia e Audiovisual, respectivamente. No Intercom Nacional 65% das pesquisas (22 textos) foram encaminhadas ao GP Fotografia entre 2010 e 2014, fato que demonstra a prevalência desse grupo de pesquisa como principal base para circulação de estudos sobre fotojornalismo naquele evento. Em seguida, o GP Teorias do Jornalismo aparece com 9% do total (três textos), seguido pelos grupos de pesquisa Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas e Comunicação Audiovisual com 6% (dois textos cada). Os GPs História do Jornalismo, Produção Editorial, Gêneros do Jornalismo, Comunicação e Esporte e Outros (designação dada ao trabalho equivocadamente encaminhado ao DT 8 – Estudos Interdisciplinares) aparecem com um texto, o que totaliza 3% para cada GP. No Intercom Regional 75% dos trabalhos foram encaminhados ao DT 4 – Comunicação Audiovisual (nove textos) e 25% ao DT 1 – Jornalismo (três textos). Por fim, na SBPJor 100% dos trabalhos (13 textos) foram encaminhados às comunicações do tipo individual em detrimento das coordenadas.

Em relação ao gênero dos pesquisadores, o [Gráfico 3](#) abarca informações sobre a distribuição dos trabalhos produzidos e circulados nas instâncias científicas citadas entre 2010 e 2014. Apesar de serem minoria em três das quatro instâncias de debate científico analisadas, as pesquisadoras são maioria entre os 59 autores identificados: 56% (33 indivíduos); enquanto os pesquisadores são 44% (26 indivíduos). A questão do número de trabalhos sobre fotojornalismo produzidos por pesquisadoras é importante de ser observada, haja vista que o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – o mais atual até a data de fechamento desta investigação – indica que 51% dos 190.755.799 habitantes no Brasil são mulheres e 49% homens. Igualmente, e considerando o ideal de condições de acesso à educação formal e à vivência da pesquisa igualitárias para os dois gêneros, é de se supor uma distribuição proporcional do número de pesquisas realizadas por

pesquisadoras e por pesquisadoras com base na prevalência feminina entre a população brasileira. Não é o que acontece...

O [Conjunto de Gráficos 4](#) contém informações por evento sobre o gênero dos autores dos textos científicos analisados. Nesse conjunto é possível perceber que em instâncias de debate como a Compós os pesquisadores são maioria a discutir o tema: 75% (três indivíduos) contra 25% de pesquisadoras (um indivíduo). No Intercom Nacional o desequilíbrio se inverte uma vez que 60% dos pesquisadores são do gênero feminino (24 indivíduos) e 40% do masculino (16 indivíduos). Na SBPJor e no Intercom Regional a lógica é a mesma da Compós, uma vez que 57% (oito indivíduos) e 53% (nove indivíduos) são pesquisadores contra 43% (seis indivíduos) e 57% (oito indivíduos) são pesquisadoras em cada instância respectivamente (SBPJor e Intercom Regional).

Especialmente no que se refere às coautorias, o [Conjunto de Gráficos 5](#) contém dados importantes sobre a presença das pesquisadoras nas pesquisas sobre o tema. Nos eventos da Compós não há qualquer ocorrência de coautoria, ao passo que nos eventos do Intercom Nacional há duas entre mulheres e homens (6%); três entre homens e mulheres (9%); uma entre mulheres (3%); e duas (6%) entre homens. Nos eventos do Intercom Regional há uma coautoria entre homens (8%) e duas entre mulheres e homens (17%), as únicas assinadas por duas pesquisadoras e um pesquisador em todo o *corpus* deste estudo. Finalmente, nos eventos da SBPJor, há duas coautorias entre mulheres e homens (15%), uma entre homens e mulheres (8%); e outra entre homens (8%).

Pensando nisso – e pontuando que optamos pela diferenciação entre coautorias de “mulheres e homens” e de “homens e mulheres” para bem delimitar os estudos encabeçados por pesquisadores de cada gênero e para dar margem à interpretação dos dados de maneira imparcial, haja vista que mantivemos a ordem em que os nomes dos autores aparece em cada texto quando das coautorias –, é preciso destacar que do total de 63 textos abordados nesta pesquisa, 61% são resultado de estudos empreendidos por ou com mulheres, conforme consta no [Gráfico 4](#).

Os números evidenciam o avanço das mulheres no fazer científico, especialmente no que toca aos estudos sobre o fotojornalismo tupiniquim. Longe de serem suficientes para refletir sobre a condição das mulheres na nossa sociedade, eles nos permitem melhor problematizar o desequilíbrio entre o perfil acadêmico dos pesquisadores dos gêneros feminino e masculino no Brasil. Igualmente, a [Tabela 3](#) contém os dados organizados visualmente de outra forma. Cremos que assim a questão pode ser melhor compreendida.

No que toca à titulação desses pesquisadores, é possível perceber no [Conjunto de Gráficos 6](#) duas categorias distintas que dizem respeito, respectivamente, aos títulos já obtidos e às titulações em andamento. Optamos por essa separação diante da ausência de informações sobre o percurso formativo de alguns autores nos textos científicos aqui analisados. Igualmente, e embora seja possível supor, no nosso campo nem sempre um doutorando é detentor do título de mestre, da mesma forma que um mestrando pode ou não ter passado pela pós-graduação *latu-sensu* antes de ingressar na *stricto-sensu*. Por isso, e para evitar tratar os dados de maneira tendenciosa, optamos pela distinção que segue.

Dos 59 autores identificados, 42% já haviam concluído seus cursos de graduação e/ou de pós-graduação quando da submissão dos artigos analisados (25 indivíduos) e 58% não (34 indivíduos). Entre os pesquisadores titulados 16% possuíam especialização (quatro indivíduos); 36% mestrado (nove indivíduos); 32% doutorado (oito indivíduos); e 16% pós-doutorado (quatro indivíduos). No que toca aos pesquisadores com titulações em andamento 3% cursavam graduação e 3% especialização (um indivíduo cada); 53% eram mestrandos (18 indivíduos); 32% doutorandos (11 indivíduos); e 9% pós-doutorandos (3 indivíduos).

Entre os autores que mais produziram, e conforme o [Gráfico 5](#), dois se destacam com quatro artigos científicos apresentados entre 2010 e 2014: Fabiana Aline Alves e Jorge Carlos Felz Ferreira. Em seguida, os pesquisadores José Afonso da Silva Junior e Marcelo Barbalho são os que se sobressaem, tendo efetivado três estudos cada. Já com duas produções, 11 pesquisadores aparecem entre os que mais conduziram pesquisas sobre fotojornalismo no lapso temporal estabelecido, são eles: Ana Paula da Rosa, Ana Taís Martins Portanova Barros, Andressa Kaliberda, Angie Biondi, Anna Letícia Pereira de Carvalho, Armando Fávoro, Deysi Oliveira Ciocari, Eduardo Freire, Eduardo Queiroga, Marcelo Eduardo Leite e Paulo César Boni. Os 44 demais autores efetivaram um estudo cada.

O que chama atenção além do fato de que 44 dos 59 investigadores identificados trataram “ocasionalmente” do fotojornalismo. Na mesma esteira, os dois pesquisadores que mais produziram no lapso temporal estabelecido foram uma mulher e um homem. Ambos acumulam quatro produções (6% do total cada um) e são seguidos por dois homens que assinam três estudos (5% cada). Igualmente, tanto na Compós quanto na SBPBjor não há qualquer repetição do nome dos pesquisadores que efetivaram estudos sobre o tema entre os 2010 e 2014. Nessa direção, Fabiana Aline Alves e Jorge Carlos Felz Ferreira são os únicos

autores a acumularem mais de duas produções em um único tipo de evento científico, respectivamente: são três pesquisas circuladas no âmbito da Intercom Nacional entre 2010 e 2014: 9% do total de 34 textos analisados naquela instância de discussão. Julgamos que essas informações podem melhor ser visualizadas na [Tabela 4](#).

A respeito dos estados e regiões brasileiros que sediam cada texto científico abordado nesta pesquisa, elaboramos o [Conjunto de Gráficos 7](#), no qual constam os números de trabalhos distribuídos no território nacional e o percentual aproximado sobre o *corpus* esmiuçado. Na Região Norte, por exemplo, o Pará é o único estado a sediar pesquisas sobre o fotojornalismo e acumula 2% do total de produções. No Nordeste, Alagoas, Maranhão, Piauí e Sergipe não sediaram qualquer estudo sobre o tema entre 2010 e 2014, ao passo que Pernambuco desponta entre os estados que mais subsidiaram investigações no período delimitado. Ao todo, o Nordeste ampara mais de 22% das pesquisas aqui abordadas. No Centro-Oeste não há qualquer ocorrência de estudos produzidos. Já as regiões Sudeste (47%) e Sul (29%) são as que mais abarcam artigos científicos, sendo São Paulo e Paraná os estados que mais alicerçaram investigações, com cerca de 28% e 19% do total respectivamente. Seria esse um reflexo da predominância/concentração de programas de pós-graduação em Comunicação nesses estados e regiões? De acordo com o *Documento da Área de Ciências Sociais Aplicadas I*, elaborado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a resposta parcial a tal questionamento é sim, uma vez que os programas de pós-graduação da Área estão concentrados na Região “Sudeste (52,2%), especialmente, no Estado de São Paulo (27,8%), seguido pelo Rio de Janeiro (17,8%). [...] a segunda maior concentração ocorre na Região Sul (21,1%) com distribuição equilibrada entre Rio Grande do Sul (8,9%) e Paraná (7,7%)” (CAPES, 2013, p. 3-4).

Para contabilizar as IES brasileiras às quais se ligam as produções científicas aqui analisadas, elaboramos a [Tabela 5](#), organizada ascendentemente, na qual constam as principais instituições de pesquisa sobre o fotojornalismo tupiniquim e o percentual de artigos produzidos em cada uma delas. Com oito textos (13% do total de 63 que compõem o *corpus* desta pesquisa), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é a IES que mais subsidia estudos sobre o tema entre 2010 e 2014. Em segundo lugar a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Estadual Paulista (Unesp) sediam seis estudos cada (10%); seguidas pela Faculdade Cásper Líbero (FCL) e pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que amparam quatro pesquisas cada uma

(6%). É importante notar que, entre as cinco IES que mais nutrem estudos sobre o tema, três estão em São Paulo (Unesp, FCL e PUC-SP).

Como estabelecemos anteriormente, entre os 59 autores identificados, há 12 ocorrências de nomes de estudantes docentes, sendo duas em duplicidade. Nesse sentido, contabilizamos acima apenas os vínculos discentes dos pesquisadores Ana Paula da Rosa, Armando Fávaro, Eduardo Freire, Eduardo Queiroga, Fabiana Aline Alves, Jorge Carlos Felz Ferreira, Juliana Andrade Leitão, Juliana Nascimento Torezani, Maria Luisa Hoffmann e Paulo César Boni. Finalmente, é importante expor que entre as cinco colaborações interinstitucionais e interestaduais todas são também inter-regionais, sendo que uma delas é resultado da cooperação de pesquisadores ligados a instituições brasileira e internacional, são elas: *“A taça do mundo é nossa”*: as relações entre futebol, política e fotojornalismo na conquista da Copa do Mundo FIFA de 1970 (SP/PR); *De Capa a Spielberg: uma estética para a representação da guerra* (PR/SP); *Foto-choque e tragédias no fotojornalismo: análise fotográfica dos terremotos no Haiti e Japão no blog “Big Picture”* (PR/SP); *Fotojornalismo e cotidiano nas favelas cariocas: relações entre as periferias culturais e a imprensa hegemônica* (RJ/Brisbane-Austrália); e *O instante decisivo de Henri Cartier-Bresson e sua aplicação no fotojornalismo londrinense* (SP/PR).

4 CONSIDERAÇÕES E ENCAMINHAMENTOS

Com base nos argumentos expostos até aqui, cremos ter alcançado formas de responder parcialmente nosso problema de pesquisa. Como colocado anteriormente, apesar de serem minoria por evento, as pesquisadoras são maioria quando se trata da análise global dos textos circulados nas quatro instâncias de debate científico. Como tal, elas são maioria em categorias acadêmicas de base sem que, em alguns casos, tenha-se registrado sequer concorrência do gênero masculino.

Em direção complementar, as regiões Sudeste e Sul são, de fato as que mais abrigam pesquisadores do fotojornalismo no Brasil, sendo os estados de São Paulo e do Paraná respectivamente os que mais se destacam no território nacional. Seria esse um reflexo da concentração dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em tais regiões? Vimos que a resposta é parcialmente verdadeira. Mas quais seriam os motivos complementares para configuração de desigual distribuição de investigações científicas Brasil adentro?

Outro ponto que precisa ser destacado é a quantidade de estudos empíricos sobre fotojornalismo: menos de 2% do total aqui analisado se assemelha à nossa proposta, fato

que confirma os argumentos acerca da ausência de investigações nacionais deste tipo. Para dar continuidade à problematização do tema, na Parte II desta pesquisa serão abordados os dados cruzados expostos neste texto: gênero por ano, IES, estados e regiões; titulação dos pesquisadores por ano IES, estado e região (sejam os títulos obtidos ou em andamento); entre outros. Até lá.

REFERÊNCIAS

AZOUBEL, Diogo. **Fotojornalismo na Compós:** análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em:
<<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0824-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015a.

_____. **Fotojornalismo na SBPJor:** análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte I. Disponível em:
<<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0506-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015b.

_____. **Fotojornalismo na SBPJor:** análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte II. Disponível em:
<<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0826-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015c.

_____. **Fotojornalismo no Intercom:** análise comparativa dos artigos científicos apresentados nos congressos regionais de 2010 a 2014. Disponível em:
<<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1266-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015d.

_____. **Fotojornalismo no Intercom:** análise comparativa dos artigos científicos apresentados nos congressos nacionais de 2010 a 2014. Disponível em:
<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0955-1.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015e.

_____. **Narrativas Fotojornalísticas:** estudo comparativo do mapeamento dos artigos científicos apresentados nos congressos nacionais da Intercom (2010-2014) e SBPJor (2003-2014). Disponível em:
<<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4756/1110>>. Acesso em 15 de maio de 2015f.

_____. **Reflexões fotojornalísticas:** mapeamento dos artigos científicos apresentados nos eventos científicos da Compós, da Intercom e da SBPJor. Disponível em:
<<http://www.uniso.br/>>. Acesso em 15 de maio de 2015g.

CAPES. **Documento da Área de Ciências Sociais Aplicadas I** (2013). Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Ciencias_Sociais_Aplicadas_doc_area_e_comiss%C3%A3o_16out.pdf>. Acesso em 15 mar. 2016.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em 13 abr. 2015.

INTERCOM. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Rio de Janeiro, RJ - de 4 a 7 de setembro de 2015**. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/eventos/congresso-nacional/20151>>. Acesso em 23 fev. 2016.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MARTIN, George R. R.. **As crônicas de gelo e fogo** (cinco livros). Leya Brasil (Edição Digital).

MARTINEZ, Monica; LAGO, Claudia; LAGO, Mara Coelho de Souza. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. In: revista Famecos (Online), v. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22464/1418>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

RODRIGUES BRAGA, Suzana; CARRIERI DE PÁDUA, Alexandre. A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais Brasileiros. In: **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, 2001, 5. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84009305>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SBPJOR. **Diretoria Científica da SBPJor divulga lista dos trabalhos aprovados para o SBPJor 2015**. Disponível em: <www.ciberjor.ufms.br/sbpjor2015/2015/09/21/diretoria-cientifica-da-sbpjor-divulga-lista-dos-trabalhos-aprovados-para-o-sbpjor-2015/>. Acesso em: 23 fev. 2016.

Sítios e portais

www.compos.org.br

www.photos.google.com.br

www.portalintercom.org.br

<http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/>